



Às vésperas do aniversário de 500 anos do Brasil, a Câmara Legislativa do Distrito Federal prestou sua homenagem à pátria-mãe Portugal. A sessão solene ocorreu no dia 27 de agosto, a pedido do deputado João de Deus (PDT).

O presidente do Instituto Camões da Embaixada de Portugal, Rui Rasquillo (foto), foi o responsável por um dos momentos mais lúdicos do evento. Rasquillo fez de seu discurso uma ode à saga portuguesa, relembrando os 500 anos de história lusitana antes do Descobrimento do Brasil, porque acredita que “a memória de uma nação, com seus acertos e erros, é o que constrói a grandeza de um povo”. Nesta edição, a DF Letras reproduz fragmentos da “viagem” de Rasquillo, feita de improviso, pela história de seu país.

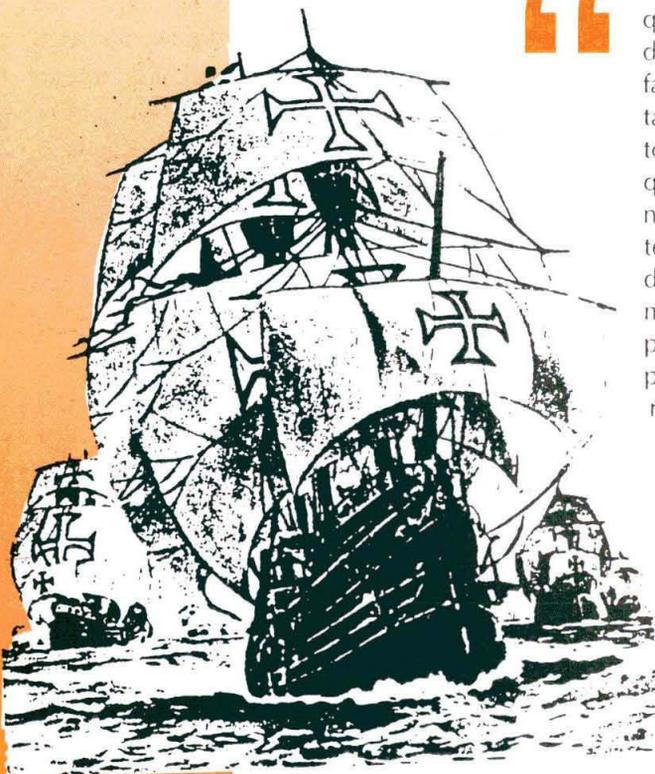
Portugal

antes do Descobrimento

“

Quando fui convidado para vir a esta sessão, foi-me pedido que dissesse também algumas palavras, visto que se tratava de comemorar os 500 anos do Brasil. Pois bem, mas já que se fala tanto do Descobrimento e dos últimos quinhentos anos, talvez valesse a pena dizer algumas palavras sobre os quinhentos anos que precederam o descobrimento deste imenso e querido país, porque são estes porventura os anos menos conhecidos dos brasileiros. Ao falarmos dos quinhentos anos antes da chegada de Cabral, em um país que festeja 5 séculos de história, parece-me interessante lembrar que nós e vós temos em comum a auto-estima: somos povos cujo orgulho pelo passado advém do reconhecimento das nossas próprias falhas, pois sabemos que só assim se constrói com grandeza a história de um Estado. Só aceitando o que de bom e o que de mau, ao longo da história, o povo foi construindo, se forjam as nações. Portugal e Brasil são, por isso, povos capazes de resistir às críticas, “navegando” com segurança no futuro, porque aprenderam a aceitar o passado sem esconder vergonhas ou elogiar grandezas.

Mas quem são os portugueses afinal? Começemos pela geografia. Portugal é um país tão pequeno que, no seu maior comprimento, cabe entre Brasília e Belo Horizonte e que, na sua maior largura, tem pouco mais de trezentos quilômetros. Com uma população que não chegava sequer a um milhão de habitantes, lan-





çou-se no século XV pelos mares afora contribuindo com a sua diáspora para a formação de inúmeros países, onde todos falamos esta língua portuguesa. O português da Península Ibérica, afinal, nasceu como o Brasil nasceu, ou seja, caldeado em várias culturas, construindo nessa mistura de povos e raças uma nação que hoje se apresenta como o mais antigo Estado da Europa com fronteiras definitivas.

Quem já não ouviu falar dos lusitanos? Não são uma lenda como, por vezes, se pensa; os lusitanos foram o povo ibérico que mais reagiu à primeira investida colonizadora do seu território, protagonizada pelos romanos. Estamos ainda a falar de um período anterior ao nascimento de Cristo, muito mais de mil anos atrás, mas é sobretudo nos lusitanos que está a origem remota dos portugueses. É essa bolsa de resistência pré-céltica que depois acabou por ser assimilada pelo Império Romano, do qual herdamos a cultura e a administração, que nos legou o Direito que transmitimos mais tarde ao Brasil, que construiu estradas e pontes, que criou o princípio das divisões administrativas. Foram os romanos quem, no fundo, nos deram, por meio de sua herança grega, as bases fundamentais da democracia. É longa a história como se vê e é bom que por ela saibamos a origem dos nossos valores atuais.

Os povos assimilados pelos romanos ainda não eram obviamente portugueses, eram pré-celtas colonizados por Roma. Depois, o Império Romano, que envolvia todo o Mediterrâneo, posteriormente ao nascimento de Cristo, entre 409 e 416, é invadido pelos povos do Norte, pelos germanos primeiro, os vândalos, os suevos e os alanos. Logo depois os suevos e por último os visigodos se instalam no território ibérico, e pouco a pouco ocupam toda a Península Ibérica. Ainda não havia nesse tempo nem Espanha nem Portugal, mas havia por certo povos a forjarem-se. No século VII, já com os povos do Norte convertidos ao cristianismo mas politicamente desavindos, chegaram os árabes. Tarik, o berbere convertido ao Islão, passa da África para Portugal e, mais uma vez, há uma segunda colonização, que demorou séculos no espaço onde nascerá Portugal e que irá perdurar até 1249. São séculos de uma presença importantíssima de povos vindos do norte da África e da Arábia.

Curiosamente, há muito pouco tempo, na Universidade de Coimbra, ao se fazer um estudo da Aids, os especialistas descobriram algo extraordinário: os portugueses têm, em seu DNA, a “marca” do povo árabe. E os brasileiros deverão, por isso,

juntar à sua herança negra, branca e índia mais esse contributo lusitano, pois tendo sido nós quem chegou primeiro a estas terras ameríndias, fomos nós por certo quem vos legou o DNA árabe. Talvez, algumas destas coisas com as quais especulo expliquem a lhaneza do nosso trato para com outras civilizações e a capacidade antropofágica de sermos capazes de assimilar outras culturas e de as tornar nossas sem nunca as eliminar.

Em 1143, Portugal adquire o estatuto de Reino independente, depois de, durante alguns anos, ser um condado que politicamente se formou em decorrência de problemas internos do Reino de Castela e Leão e dos problemas políticos ibéricos trazidos pela reconquista cristã contra os árabes. Somos, por isso, constituídos culturalmente na vitória do cristianismo contra o islamismo. Há por isso uma dicotomia na Península Ibérica, e em Portugal também; país periférico que se forja justamente como o último elo de uma cristandade que se afirma contra o Islão, o Portugal cristão foi sempre um visceral inimigo dos muçulmanos ao longo de séculos, quando as religiões se impunham pela força das armas.

Acabada a reconquista, 150 anos depois da constituição do Reino em 5 de outubro de 1143, o território adquire a dimensão que hoje tem. Com a paz, inicia-se a colonização (nessa altura, éramos pouco mais de meio milhão de portugueses), ao sul do Tejo. Criamos no século XIV uma das primeiras universidades do mundo, a Universidade de Lisboa, que depois foi transferida para Coimbra. Desenvolvemos a agricultura e lançamos os princípios da marinha mercante e um embrião de armada. As ordens religiosas, aqui, como no resto da Península, preservaram a cultura e a estabilidade política de Portugal. Se não fossem elas, muito da cultura europeia se teria perdido primeiro quando das invasões dos “bárbaros”, os quais, nessa altura, eram assim chamados comparativamente ao equilíbrio do Império Romano. Depois, durante o povoamento da Península após a reconquista, criaram-se seguramente as condições para, no início do século XV, iniciar-se a nova expansão marítima.

Na mistura de povos, como se vê, Portugal tem uma história idêntica à do Brasil, só que mais lenta... Claro que a história não se repete, e não há povos puros, por isso a execução dos princípios do nazismo foi uma coisa monstruosa. Aliás, todas as ditaduras são monstruosas, porque habitualmente determinam

Homenagem a Victor Alegria

o “esquecimento” da realidade histórica, porque manipulam os capítulos da História colectiva para depois esmagarem completamente os povos. Todos nós, portugueses e brasileiros, conhecemos ditaduras mais brandas do que essa, mas foram ditaduras, com o arbítrio que o olhar para trás nos assegura. Desculpem-me este desvio. A História é, como se vê, um extraordinário veículo de análise, de contributo para a aceitação dos próprios erros, uma palavra final para com os povos da comunidade de língua portuguesa, alguns dos quais têm ainda tão grandes problemas. Neste espaço lusófono inclui-se o Brasil, porque este é o maior país e o de maior população, onde o idioma português está guardado com a dinâmica da modernidade. Guardar uma língua não é conservá-la dentro de baías; guardar uma língua é saber conservar sua estrutura e inovar permanentemente.

O Brasil, dizia, tem uma particular responsabilidade histórica neste espaço que se estende por todos os continentes. Portugal obviamente também a tem por estar na sua origem, mas

a responsabilidade do Brasil, pela sua dimensão continental, talvez seja maior. Talvez, todos juntos, (em breve seremos oito com Timor), possamos vir a ser uma zona geolinguística de grande importância política no mundo. Se hoje o inglês é importante, é porque por detrás dele está o poder econômico, militar e tecnológico. Também, quando Portugal e Espanha dividiram o mundo pelo Tratado de Tordesilhas, falava-se o português e o espanhol em cada uma das suas áreas de influência colonial comercial. Não fala a América do Sul português e espanhol?

Quem sabe se daqui a alguns anos não serão as línguas portuguesa e espanhola - ambas saídas da Península Ibérica - tão importantes no mundo quanto o é hoje o inglês?

Senhor presidente, Senhores deputados, celebrar os 500 anos do Brasil é também celebrar a língua de Camões, a cultura lusófona e os povos que pelo mundo além falam português.

Muito obrigado.

”



O português Victor Alegria (foto) chegou ao Distrito Federal há 33 anos. Aqui, tornou-se conhecido como livreiro e editor. Em 1965, Alegria criou nas dependências do Hotel Nacional a Livraria Encontro - um pólo irradiador de cultura na nova capital. Era pouco. O lusocandango criou ainda a Editora Thesaurus, que funciona há 18 anos e possui mais de mil livros em seu catálogo, uma média de 60 publicações por ano. Por tudo isso, por ser “um trabalhador da cultura”, como definiu o deputado Geraldo Magela (PT), Victor Alegria recebeu o título de Cidadão

Honorário de Brasília. O título lhe foi conferido no dia 16 de setembro, em Sessão Solene na Câmara Legislativa do Distrito Federal, a pedido do deputado Magela. A revista DF Letras também saudou o novo Cidadão Honorário, por meio do discurso do vice-presidente da Casa, deputado Gim Argello (PFL). “Há uma razão para que eu fale primeiro em nome de nossa DF Letras. Afinal, o senhor é um homem de cultura, um ser dos livros, das letras, do saber, da criação e de muitas polêmicas. Não é qualquer cidadão que pode carregar o título de editor, e o senhor fez

da sua vida um constante editar de livros”, declarou Argello. Emocionado, Alegria elogiou a Câmara Legislativa pela revista DF Letras e agradeceu a homenagem. Ele afirmou procurar, em sua trajetória, dar uma lição de vida e cidadania. Mas lembrou que nada pode ser feito sem a cultura e a educação. “Sem o livro como poderemos ter uma nação que possa se debruçar sobre os seus problemas?”, questionou, para pedir, em seguida, que os deputados distritais dêem atenção às livrarias e bibliotecas do DF. “É necessário mais atenção à cultura”, encerrou.